

Ema Bovary, leitora de romances

Isabel S. Sampaio (USF/UNICAMP)

Desde tempos antigos, as leitoras descobriram maneiras de subverter o material que a sociedade colocava em suas prateleiras.

(Manguel, 1997:258)

Introdução

Em 1980, Michel de Certeau descreveu poeticamente a leitura como "uma operação de caça furtiva", e sua definição dessa prática cultural – "imagem da passividade para a maioria dos observadores e professores" – como "o paradigma da atividade tática, o exemplo de uma atividade de apropriação e de produção independente de sentidos", tem sido a base sobre e em torno da qual vários estudiosos – com destaque para Roger Chartier – têm desenvolvido, nos últimos vinte anos, suas pesquisas sobre a história da leitura e as diferentes maneiras de ler encontradas em momentos e contextos históricos e sociais diversos, ao longo da história da humanidade.

Uma pequena parte desses estudos tem se voltado para a leitura feminina. Se para qualquer leitor já é difícil "marcar o seu lugar no texto", já que a leitura é "uma peregrinação por um sistema imposto", uma "operação de caça furtiva em reservas alheias" (Certeau, 1994), para as mulheres – forçosamente relegadas a uma posição de passividade mas, na verdade, empenhadas numa luta constante contra as múltiplas limitações que sempre lhes foram impostas – a leitura parece ter sido, até muito recentemente, totalmente proibida ou estreitamente vigiada. E essa vigilância tem se manifestado de formas diversas, desde o ato puro e simples de examinar os livros a serem lidos por moças e senhoras (geralmente executado pelo pai, irmão mais velho, professor ou padre-confessor), até a mais sutil atividade de indicação dos livros "mais adequados" a elas, tarefa desempenhada por críticos, professores, "orientadores espirituais" ou mesmo tias bem intencionadas. Ou ainda, por editores de livros.

Em Uma história da leitura, Alberto Manguel conta que, próximo de sua casa em Buenos Aires, havia uma papelaria que também vendia livros, principalmente vistosas coleções encadernadas em cores diversas, de acordo com o gênero. Os livros de capa amarela traziam aventuras de piratas, enquanto os verdes continham lendas arturianas, histórias de bichos ou Os Três Mosqueteiros. E havia ainda aqueles encadernados em cor-de-rosa, que traziam histórias como as de Louise May Alcott (*Little Women*) e da condessa de Ségur, além de toda a saga de Heidi, a famosa personagem de Johanna Spiry. E desses, lembra o autor, ele não podia sequer se aproximar: "Suas capas eram uma advertência, mais clara do que qualquer holofote, de que aqueles eram livros que nenhum menino decente lia. Eram livros para meninas" (Manguel, 1997:256).

O autor afirma que o gênero "romance" – entendido como uma história de amor e aventuras – já existia na literatura grega, e que, enquanto a epopéia e o teatro eram claramente destinados ao público masculino, esses primeiros romances – dos quais poucos fragmentos sobraram – eram dirigidos às mulheres ou, pelo menos, àquele limitado número de mulheres da época que tinham alguma instrução.

Manguel observa que "desde as primeiras linhas, os livros destinados às mulheres estiveram associados com o que mais tarde seria chamado de amor romântico", e afirma que "lendo essa literatura permitida, (...) as mulheres, de algum modo, devem ter encontrado estímulos intelectuais nesse mingau: nas labutas, perigos e agonias dos casais amorosos, as mulheres às vezes descobriam alimento insuspeitado para o pensamento" (1997:256-257).

Assim, Santa Teresa ("criança leitora de romances de cavalaria"), Madame de La Fayette (*A princesa de Clèves*), as irmãs Brontë e Jane Austen, presumivelmente alimentadas pelo mesmo tipo de "mingau", parecem ter encontrado nele substância suficiente para a elaboração de seus próprios escritos. Citando a crítica inglesa Kate Flint, o autor conclui que "a leitura desses romances não oferecia à leitora apenas um meio de, ocasionalmente, retirar-se para a passividade induzida pelo ópio da ficção. Muito mais excitante, permitia a ela afirmar seu sentimento de individualidade e saber que não estava sozinha nisso" (Manguel, 1997:258).

Ou seja: a partir da leitura que lhe era permitida, ou mesmo daquela que, embora proibida, ela acabava realizando às escondidas, a mulher conseguia construir e afirmar sua

identidade e individualidade, e nem sempre de forma "passiva" ou "alienada", como sempre acreditaram os críticos da dita "literatura feminina".

Romance, leitura feminina

Ribeiro (1993) afirma, citando Karl Marx, que o século XIX foi prosaico, porque a burguesia, instalada no poder, já não era capaz de heroísmo, paixões e idealismo, e porque "a acumulação de capital requer um certo silenciamento das paixões". Segundo o autor, a literatura, neste mundo tornado prosaico, assume um novo papel, raro antes dessa época: o de testemunhar anseios humanos mais profundos, desdenhados pela ordem social vigente. É nesse momento que a literatura estabelece laços mais estreitos com a insatisfação, a contestação e mesmo o Mal. "A literatura preserva ou mesmo defende dimensões da vida reprimidas pelos poderes econômicos e políticos. Por isso mesmo, talvez tenha sido o século XIX o que deu maior importância à literatura, pelo menos do lado do escritor e de seus leitores, na cumplicidade que estabeleciam para defender um mundo de sentimentos ameaçado pelos novos poderes" (Ribeiro, 1993:6).

Mas o autor adverte que "talvez convenha mais falar em leitoras: em *O Vermelho e o Negro*, Stendhal se refere mais de uma vez a mulheres lendo romances, "que lhes fazem fremir a imaginação". Machado de Assis, várias vezes, dirige-se à leitora, aceitando assim (convenção ou realidade?) que a literatura é coisa feminina (Ribeiro, 1993).

Talvez não toda a literatura, mas certamente os romances. Embora tenha tido, em seus começos, intelectuais do sexo masculino entre seus defensores (como o próprio Diderot), rapidamente difundiu-se a imagem da mulher como leitora desse gênero de literatura. Mas é no século XIX que a leitura, em particular a feminina, se torna um tema constante e inquietante da literatura, segundo Ribeiro (1993). Na França, a primeira grande personagem nesse sentido é Matilde de la Mole, que conquista o amor de Jean Sorel em *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal. Matilde se entedia no meio aristocrático em que vive e deseja emoções fortes. Lê, constantemente, romances, que a fazem desejar fugir de seu mundo acanhado para alcançar outro nível de animação (Ribeiro, 1993).

Assim, a própria literatura, ao caracterizar suas personagens como leitoras de romances, e ao enfatizar a grande influência que essas leituras exercem sobre elas, perpetua a imagem do seu público leitor como predominantemente feminino.

No entanto, como já apontado, essa leitura não se fazia de forma tranqüila ou mesmo totalmente permitida. Abreu (2002) lembra que o atual desejo – principalmente de educadores – de fazer com que as pessoas leiam muito, e sobretudo romances, pareceria "bizarro" no século XIX, quando os romances eram vistos "como um forte perigo para a moral, especialmente a das mulheres e moças".

"Supunha-se que a leitura de romances levava ao contato com cenas reprováveis", continua a autora, "estimulando a identificação com personagens envolvidos em situações pecaminosas como as mentiras, as paixões ilícitas e os crimes. Acreditava-se, talvez mais do que nós o façamos, no poder da leitura na determinação de comportamentos: um leitor de romances certamente desejaria transportar para sua vida real as situações com que travara contato por meio do texto. Também perigoso era o impulso de imaginar-se no lugar dos personagens envolvidos em situações criminosas: supor-se no lugar de uma adúltera era quase tão grave quando praticar o adultério. Mesmo os que resistissem à tentação de aproximar a matéria lida do mundo vivido seriam prejudicados, pois ocupariam tempo precioso com a leitura de material tão pouco elevado, esquecendo-se de suas obrigações cotidianas" (Abreu, 2002).

No Brasil, essa realidade não era muito diferente. Miriam Moreira Leite (2002), falando sobre as condições de vida das mulheres brasileiras no século XIX, conta que "as escolas eram poucas na primeira metade do século XIX e davam às alunas noções limitadas de português, cálculos, geografia, história, noções de francês e trabalhos manuais. Prevalecia a idéia de que a leitura de romances provocaria a perdição das moças, que se empolgariam com sentimentos e emoções indevidos para a mulher honesta. Sua leitura deveria se restringir a obras educativas ou instrumentais para o seu papel de mãe e dona de casa".

Heller (1997), analisando as personagens-leitoras da literatura brasileira a partir de Conceição, de O Quinze, de Rachel de Queiroz, afirma que "são várias as leitoras retratadas pela literatura brasileira que, exatamente por serem leitoras, parecem muito diferentes do meio que as cerca. (...) São professoras ou, quando não, moças educadas e de fino trato, com hábitos de leitura e escrita pouco usuais em seu tempo e sua classe" (Heller, 1997:212).

Para todas essas personagens, a leitura funciona como uma possibilidade de superação ou mesmo fuga da realidade em que vivem. Assim, a própria literatura parece

reforçar e, mesmo, municiar o discurso daqueles que consideram a leitura de romances pernicioso à formação do caráter das moças.

Ema, leitora que se perde na leitura

"Ema havia lido Paulo e Virgínia, tinha sonhado com a cabana de bambus, com o negro Domingos, com o cachorro Fiel e, sobretudo, com a suave amizade de algum irmãozinho que lhe colhesse frutos maduros em árvores mais altas que torres de igreja ou que corresse descalço pela areia, para lhe trazer um ninho". Assim se inicia o capítulo, em que Flaubert descreve a vida de Ema antes de seu casamento com Carlos Bovary, e no qual o autor desenha o caráter da personagem por meio de observações como "Em vez de assistir à missa, contemplava no seu livro as vinhetas piedosas, bordadas de azul, e amava a ovelhinha enferma, o sagrado coração trespassado de flechas agudas (...)" (p. 46); "À tarde, antes da oração, era feita na classe uma leitura religiosa. (...) Como ela ouvia, nas primeiras vezes, a lamentação sonora das melancolias românticas repercutir em todos os ecos da terra e da eternidade! Se a sua infância tivesse transcorrido no fundo de alguma loja de bairro comercial, ter-se-ia talvez aberto às invasões líricas da natureza, que comumente não chegam ao nosso conhecimento senão pela tradução dos escritores. Conhecia, porém, perfeitamente o campo. (...) Acostumada aos aspectos serenos, voltava-se, pelo contrário, para os acidentados" (p. 47).

O autor menciona uma mulher, nobre arruinada, que às vezes ia ao convento (onde Ema era interna) prestar serviços de costura, e que "contava histórias, trazia novidades, levava recadinhos para fora e, em segredo, emprestava às (alunas) mais crescidas algum romance que levava sempre no bolso do avental, e do qual ela própria devorava capítulos inteiros nas horas vagas". Flaubert descreve, então, não sem alguma ironia, o teor desses romances: "Era só amores, amantes, damas perseguidas que desmaiavam em pavilhões solitários, postilhões assassinados nas estações de muda, cavalos rebentados em todas as páginas, florestas sombrias, perturbações do coração, juramentos, soluços, lágrimas e beijos, barquinhos ao luar, rouxinóis no arvoredor, cavaleiros bravos como leões e mansos como cordeiros, virtuosos como já não há, sempre bem postos e chorando como chafarizes" (p. 48).

Embalada pela leitura, Ema sonhou viver em mundos distantes e cultuou suas heroínas com fervor, deslumbrando-se com as imagens românticas que ilustravam livros e álbuns de lembranças que algumas de suas companheiras ganhavam em festas, e levavam escondidos para o convento. Finalmente deixou o colégio, porque "aquele espírito, positivo no meio de seus entusiasmos, que amava a igreja por causa das suas flores, a música pela letra das romanças e a literatura pelas suas excitações apaixonadas, insurgia-se ante os mistérios da fé (...)" (p. 51).

De volta à sua casa, no campo, Ema logo se cansou da vida sempre igual, e esse teria sido o motivo de seu "sim" à proposta de casamento de Carlos Bovary: "(...) a expectativa de uma nova situação, ou talvez a excitação causada pela presença daquele homem, pareceram-lhe suficientes para finalmente julgar-se atingida por aquela paixão maravilhosa que até então pairava como um grande pássaro de plumagens rosadas, nos esplendores dos céus poéticos (...)" (p. 51).

Por isso, ao confrontar-se com a tranquilidade e a mesmice de sua vida num povoado provinciano, Ema começou a inquietar-se. No início, tentou colorir seu cotidiano com toques de requinte na arrumação da casa ou da mesa, na comida e na vestimenta. Um fim de semana passado num castelo vizinho, a convite de um nobre que fôra medicado por seu marido, só fez aumentar seus sonhos de uma vida glamurosa, totalmente distinta da mediocridade que a cercava.

E sonhava, principalmente, com Paris: "Comprou um mapa de Paris e, com o dedo, percorria a capital. (...) Assinou a Corbeille, jornal de senhoras, e a Sífide dos Salões. Devorava, sem perder uma palavra, todas as notícias das primeiras representações, das corridas e das sessões de gala, interessando-se pela estréia de uma cantora e pela abertura de uma casa de modas. Estava a par do último figurino, sabia o endereço dos melhores costureiros e quais os dias de passeio ou de ópera. Estudou, em Eugênio Sue, descrições de mobiliário; leu Balzac e George Sand, procurando satisfações imaginárias para os seus apetites pessoais. Até para a mesa levava o livro, do qual ia virando as folhas, enquanto Carlos comia e conversava" (p. 72).

A leitura, que antes já lhe excitara os sentimentos e contribuía para forjar uma alma sonhadora e, necessariamente, insatisfeita com a própria realidade, agora – embora seja de um tipo diferente daquela experimentada na adolescência – continua a fornecer-lhe

alimento e fuga para o espírito e, ao mesmo tempo, imagens e idéias que tenta reproduzir no seu dia-a-dia, mas que acabam por torná-la ainda mais insatisfeita.

Observe-se, ainda, que além dos livros, Flaubert coloca sua personagem lendo também revistas e jornais ditos "femininos", isto é, consumindo um tipo de "literatura de massa" destinada às mulheres que tem suas sucedâneas nas revistas femininas do século XX, também sempre criticadas como "leitura perniciosa" ou "não apropriada", ou, ainda, de baixa qualidade, indigna dos "verdadeiros leitores" (Abreu, 2001; Buitoni, 1990).

Assim, compreende-se que Ema Bovary é personagem que vive sob forma literária, necessitando, para suportar a mediocridade, do entusiasmo e inspiração que lhe proporcionam os romances e as publicações que lhe permitem imaginar um mundo mais emocionante do que o oferecido por seu enfadonho marido.

Ribeiro (1993) considera que Madame Bovary é um dos maiores romances do século XIX, e não apenas por suas qualidades literárias, mas porque resolve - segundo o autor, "de forma definitiva" – um tema que já aparece em Dom Quixote, de Miguel de Cervantes: o do leitor que se perde na leitura.

Ao procurar desesperadamente fazer sua realidade mais parecida com suas fantasias inspiradas pela literatura, Ema subverte a lógica do seu mundo prosaico e caminha para a tragédia. Gustave Flaubert, romancista, cria uma personagem leitora cujas leituras a levam, efetivamente, àquela "perdição" denunciada por críticos, clérigos, preceptores e outros guardiões da moral e dos bons costumes da época. A morte, fim trágico (os finais felizes ainda não haviam entrado na moda), deveria ser sua expiação. E, no entanto, quantas mulheres não terão simplesmente apagado essa última "lição" e ficado apenas com a arrebatadora inspiração oferecida por uma personagem que prefere morrer a capitular diante da mediocridade?

Talvez os críticos tenham razão: a leitura pode ser mesmo muito subversiva...

Referências

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (org.) Ler e navegar – espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. Disponível no endereço eletrônico www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/inde.html, consultado em 3/12/2002.

BITTONI, Dulcília Schroeder. Imprensa feminina. 2.ed., São Paulo: Ática, 1990.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIDEROT, D. In praise of Richardson, in Selected writings on art and literature. New York: Penguin Books, 1994.

FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary. São Paulo: Nova Cultural, 2002 (Coleção Obras Primas).

HELLER, Bárbara. Conceição: leitora de cem romances? Horizontes, v.15, p. 209-222. Bragança Paulista: EDUSF, 1997.

LEITE, Miriam Moreira. Mulheres do século XIX. Disponível no endereço eletrônico www.memorial.org.br/paginas/cbeal/nisia/Miriam.htm, consultado em 20/11/2002.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, Renato Janine. Madame Bovary morreu de tanto ler romances. Folha de S. Paulo, 2 de maio de 1993, Folha Ilustrada, p.6.